

## Jovem brasileiro é otimista

(Thaís Pacheco)

04/09/2008 05:00

O Ragga Drops foi conferir se o jovem brasileiro é otimista, como indica pesquisa

“Todos acreditam no futuro da nação” eram os versos proferidos por Renato Russo, da Legião Urbana, na música “Que país é este?”, sucesso em todas as rádios do Brasil no ano de 1987. Hoje, 21 anos depois, a faixa parece continuar atual. Pelo menos é o que diz uma pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir de dados processados pelo Gallup World Poll em 132 países, publicada ontem no Estado de Minas.

Os dados indicavam que, entre todos os países pesquisados, o Brasil é o mais otimista em relação à expectativa de felicidade futura. E os jovens, fazem parte desses números. Brasileiros que têm entre 15 e 29 anos são os mais otimistas do mundo, ligando sua felicidade a fatores econômicos.

Os dados parecem mesmo condizer com a realidade. O Ragga Drops foi atrás da galera para entender melhor o que é felicidade, otimismo pessoal e em relação ao país e, até mesmo, o que faria os jovens infelizes. Independentemente de classe social, eles mostraram unanimidade em dois pontos: estar com a família é o que os faz mais felizes e nenhum deles se considera infeliz.

Greyce Kelle, de 19 anos, mora com mais cinco pessoas na vila Cafezal, em Belo Horizonte. O que a faz ser mais otimista é a certeza de que vai entrar na faculdade de ciência da computação, no ano que vem. Greyce terminou o ensino médio em 2008 e, para ela, constituir uma família não é sinal de felicidade e nem necessário “pelo menos não agora, depois penso nisso”, afirma.

Carlos Hauck

"A situação está melhorando muito, principalmente por causa do acesso à educação que tem aumentado", diz Iana Pimentel, de 16 anos

Já Daniel Tavares, de 17, aluno do 2º ano do Colégio Santo Antonio e morador do bairro de classe média Sagrada Família, em Belo Horizonte, acredita que a felicidade inclui, sim, uma família e, também capacidade de sustentá-la. O plano, segundo ele, é casar e ter dois ou três filhos. Pra bancar tudo isso, o projeto já está traçado: “Vou estudar engenharia, porque sei que faltam profissionais nessa área”. Para responder o que o faria infeliz, Daniel não pensou duas vezes: “A morte de alguém querido”.

O estudante de jornalismo Rodrigo Coimbra, de 19, que mora em um condomínio de classe alta no município de Nova Lima afirma que o que tiraria sua felicidade seria ter que conviver, cada vez mais, com a violência, mas se considera um cara satisfeito: “minha vida é boa”, resume. Os planos de Rodrigo moram na faculdade: ele pretende seguir carreira acadêmica, como o pai.

Coincidentemente ou não, sempre que perguntados sobre o otimismo em relação ao futuro, nossos entrevistados citaram primeiro suas vidas e carreiras para depois falar sobre o Brasil. Neste caso, as opiniões variam mais e o otimismo já não impera: “Há muita violência na rua, acho meio difícil acreditar em uma melhora”, entrega Paulo Tadeu, de 16, baixista da banda AD Rock que mora em um bairro de classe média de Belo Horizonte. Ainda assim, ele não acha que desistir seja a melhor solução e completa “Mas vamos lá, lutar por um país melhor”.

Greyce Kelle concorda: “Acho que a tendência é piorar. Existem muitos problemas no país e, se não melhorar agora, não vai ser nunca”. Mas imediatismo e pessimismo não são unanimidades neste caso. A estudante Iana Pimentel, de 16, que também é aluna do Colégio Santo Antonio acredita em algo melhor: “A situação está melhorando muito, principalmente por causa do acesso à educação que tem aumentado”, conta, acreditando até no que seus olhos não podem ver: “Não ando no meio de pessoas de todos os tipos, realidades e classes sociais, por isso minha visão pode ser mais curta, mas pelo que observo e vejo os outros falando, as coisas tendem a melhorar”, aposta Iana.